**Estudo etno-sonoro do áudio drama brasileiro no período pandêmico**

Luccas Pires Soares[[1]](#footnote-0)

**Resumo**

O presente trabalho traz como sua temática as questões do áudio drama contemporâneo, pensado a partir de *podcasts* realizados por grupos teatrais brasileiros no período entre os anos de 2020 e 2023. Na perspectiva de um ator e professor de teatro e com o aporte dos conceitos do campo da etnomusicologia, se pensará em algumas camadas de análise desses projetos: Em um primeiro plano, com um levantamento de 17 trabalhos encontrados nas plataformas digitais que foram lançados no período da pandemia de COVID-19, em sua maioria a partir de editais públicos. Em seguida, com uma investigação intermediária em 6 trabalhos, entendendo seus contextos de criação e circulação. Em um terceiro momento, se pretende um foco maior em três áudio dramas realizados por grupos de teatro nos estados do Rio Grande do Sul, da Bahia e de Minas Gerais, buscando a compreensão, também, dos contextos sociais, motivações dos grupos, processos criativos, de produção, negociação e recepção dos mesmos. Aproveitam-se, dentre várias, as ideias de Dann (2014) e Rochester (2014) sobre o campo do áudio drama contemporâneo; Samuels (2010) e Kelman (2010) que abordam a perspectiva etnomusicológica e as práticas sonoras coletivas como processo de transformação; e Spritzer (2005), no que tange ao papel do performer da voz.

**Palavras-chave**

Etnomusicologia; Áudio drama; Podcast; Etnografia; Pandemia.

**Corpo do trabalho**

**Introdução:**

A proposta a seguir traz como temática as questões do áudio drama contemporâneo, pensado a partir de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A partir de um mapeamento nacional de algumas propostas de podcasts realizadas no período da pandemia de COVID-19 (entre os anos de 2020 e 2023).

Na perspectiva de um ator e professor de teatro que está se inserindo no ambiente da etnomusicologia, tentar-se-á compreender etnograficamente os processos e contextos criativos, de produção, circulação e recepção desses trabalhos. É importante destacar minha história acadêmica, vinda do campo teatral, mas que possuía uma conexão com trabalhos musicais e a interdisciplinaridade nas artes, sendo a música uma linguagem próxima a mim.

É interessante, inicialmente, que entendamos melhor o campo do áudio drama moderno e seus contextos. O mesmo teria surgido como uma forma de contação de histórias para um público que não teria acesso ao aspecto visual, com as histórias sendo captadas e distribuídas de forma digital, havendo, de acordo com Phillips (*apud* JONKHEID, 2016) a opção de efeitos sonoros ou musicais adicionais a esses áudios. Em seguida, esse tipo de material torna-se uma mídia mais ampla, atingindo diversos públicos. A partir de uma perspectiva internacional, de acordo com Dann (2014), “ ‘Áudio Drama’, ‘Pod-Drama’ ou ‘Podiobooks’, a forma ainda deve ser definida em uma identidade coerente pela sensibilidade dos amadores ou das tropas de *fan fiction*.” (DANN, 2014, p. 1)

O formato desse tipo de projeto utiliza de uma tecnologia moderna com alcance internacional, divulgando assim mídias de tradição radiofônica. Para Rochester (2014), isso ocorre “porque a vasta maioria dos *podcasts* são gratuitos para *download*, eles são relativamente acessíveis a qualquer pessoa com acesso à internet no mundo” (p. 362). Dann (2014) compartilha dessa visão ao dizer que as tecnologias digitais democratizaram os processos pelos quais o rádio drama pode ser transmitido.

Assim, trata-se de um campo ainda muito novo e pouco estudado, portanto, deve-se perceber que esses trabalhos oferecem oportunidades para que produtores possam usufruir de seus potenciais criativos, abrindo novas portas. descobrindo novos padrões de escuta sob demanda e principalmente podendo trabalhar de forma independente (ainda que muitos precisem, para alcançar seus públicos, de entendimento sobre a forma de funcionamento das plataformas digitais).

**Considerações Metodológicas:**

Neste breve texto, baseado em uma pesquisa maior, tentarei abordar, a partir dos princípios da etnografia, as questões de circulação e recepção de som, a organização de expressividade e de narrativa de alguns trabalhos concebidos no Brasil no período pandêmico. A experiência dos áudio dramas surge a partir de uma área interdisciplinar, que lida com as questões de produção do drama e do áudio, um lugar no qual tento me encontrar também em âmbito pessoal, tendo em vista meu histórico pessoal.

Para a compreensão dos trabalhos foi necessário que houvesse um aporte teórico voltado para o entendimento das questões sonoras, principalmente para o entendimento do áudio para além do campo musical tradicional. Dito isto, um aporte interessante se dá a partir dos conceitos de paisagens sonoras, ou soundscapes, no original. Esse conceito é explorado por David Samuels (*et. al.*, 2010), em seu texto Soundscapes: Toward a Sounded Anthropology, no qual o autor comenta que a paisagem sonora seria uma forma de cogitar o som relacionado à antropologia, compreendendo os vários elementos sonoros do ambiente. Ari Kelman, (2010) complementa o entendimento sobre as paisagens sonoras em Rethinking The Soundscape, traçando um histórico desse termo e suas aplicações no ambiente acadêmico. John Drever também tenta compreender esses conceitos, e em 2002, tenta mapear os primórdios da composição sonora apresentando uma perspectiva que relaciona a paisagem sonora à linguagem etnográfica.

Em uma visão nacional, um aporte interessante que tem sido pensado em minha pesquisa vem a partir de Mirna Spritzer (2015) que tenta entender a voz do ator nas peças radiofônicas, fazendo com que os atores tomem a voz de protagonistas das ações em áudio, considerando também a linguagem do rádio como uma linguagem artística. Esse conceito está diretamente relacionado aos podcasts e áudio dramas, uma vez que esses trabalhos também surgem a partir de uma tradição das clássicas rádio novelas do século passado.

Com relação a pesquisa etnográfica no campo musical, Anthony Seeger, grande nome da pesquisa etnomusicológica, em artigo de 2008, declara que esse tipo de abordagem não está relacionado a uma antropologia musical, e sim uma abordagem descritiva da música para além dos sons, devendo-se apontar para registros de concepção sonora, criação, recepção e influência de outros processos, sendo uma escrita sobre “as maneiras que as pessoas fazem música” (p. 239, 2008).

**Breve mapeamento de trabalhos nacionais:**

Outro aspecto de relevância para a construção de minha pesquisa se dá ao compreender a importância da pandemia de coronavírus, cujo ápice foi entre os anos de 2020 e 2021, e como a mesma se fez presente nas pesquisas acadêmicas no âmbito da música e do áudio. É necessário que se entenda que esse período causou impactos em todos os campos da sociedade e em todo o globo, com efeitos que até hoje tentam ser compreendidos. A crise sanitária provocou efeitos na pesquisa também, em processos e investigações que estavam em curso naquela época, fazendo com que pesquisadores de todas as áreas virassem seus olhos para como as pessoas estavam lidando (ou não) com o momento.

Considero esse aspecto importante uma vez que os trabalhos que investigo em minha dissertação possuem um aspecto virtual muito forte, para além dos trabalhos em si, muitos dos interlocutores não estão próximos de mim fisicamente, o que faz com que eu tenha que criar novas formas de abordagem que também ajudem na criação de uma conexão entre as partes. O material empírico de minha pesquisa teve de ser considerado a partir dos meios virtuais, pois os trabalhos que investigo foram realizados durante a pandemia, fazendo com que seja necessário que eu também procurasse entender sobre a profissionalização desses sujeitos e processos de escuta e análise de trabalhos que estão “congelados” em um período específico de nossa sociedade.

Durante minha pesquisa, e em diversos encontros de orientação, foi necessário que se pensasse em algumas maneiras de abordagem desses trabalhos, para além de somente trabalhos fixos em áudio, gravados antes do surgimento da investigação. Em avanços da pesquisa, acabaram surgindo três camadas de abordagem desses materiais e grupos, partindo de um mapeamento com trabalhos de várias regiões do país. Esses trabalhos foram encontrados através de diversas buscas em plataformas de áudio, a partir de alguns termos chave como “audiodrama”, “áudio e dramaturgia”, “áudio e teatro” e “rádio teatro”.

Em um primeiro momento, foram encontrados trabalhos que também fizeram parte de outros contextos temporais (pré-pandêmicos ou que não se encaixavam exatamente com a questão dramatúrgica). Em seguida, houve um aprofundamento em seis trabalhos, escolhidos a partir de motivações pessoais, considerando também regiões diversas do Brasil, o caráter dramatúrgico dos trabalhos, e a forma de divulgação dos mesmos. Nessa segunda camada, foram feitas algumas descrições relacionadas às temáticas dos episódios gravados, descrições relacionadas aos ambientes virtuais nos quais esses trabalhos foram divulgados e aspectos sonoros que possam ter me chamado a atenção nas primeiras escutas. Assim, em última instância, tem sido feita uma investigação em três desses seis trabalhos, procurando os responsáveis pelos mesmos e entendendo questões voltadas para a criação dos trabalhos e a relação dos indivíduos com a produção.

Dentre os trabalhos selecionados, citarei três nesta seção do texto, como sendo aqueles que constam na seção intermediária. Dentre eles se encontram:

1) “Conto Ribeirinho”, podcast de 2020, da cidade de Belém (PA), que pretendia o resgate de narrativas orais que foram coletadas ao longo de 25 anos no projeto de extensão Imaginário das Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense (IFNOPAP), vinculado à Universidade Federal do Pará. Parte de uma seleção a partir de um acervo com mais de 5 mil narrativas colhidas pelo estado do Pará.

2) Em “Áudio Dramaturgias”temos, além de um podcast, um projeto que procura a inclusão de pessoas com deficiência visual na criação e produção de podcasts dramáticos. Remete diretamente às origens do áudio drama moderno, que tinha como objetivo a contação de histórias para pessoas que dependiam do recurso da escuta. Aconteceu no município de São Bernardo do Campo (SP), no ano de 2021.

3) O podcast “Audiodrama” é do estado de São Paulo, e ocorre desde o ano de 2019. Começou como um espaço para o debate entre o entrevistador e algumas pessoas da cena contemporânea teatral que no momento se apresentavam naquele estado. Como o projeto se define: “Investiga as possibilidades entre o áudio e a dramaturgia”. A terceira temporada, intitulada “Silêncio Ruído”, traz dramaturgias feitas especialmente para o áudio, sempre com a divulgação do trabalho e um episódio adicional que relata o processo criativo do trabalho, por meio de uma entrevista e de uma conversa com os dramaturgos.

 **Três exemplos de áudio dramas brasileiros:**

Dentre os três trabalhos selecionados para um aprofundamento investigativo, estão: a “Peça Radiofônica Santo de Casa Faz Milagre?”, de Minas Gerais; “Teatro Para Ouvir” da Bahia; e “Mundo Clandestino” do Rio Grande do Sul. Cada uma das propostas têm origens e objetivos distintos, entretanto, todas são propostas em áudio que possuem conexões fortes com o aspecto dramático e conexões diretas com o campo teatral. Além disso, outro aspecto em comum entre os projetos é que todos foram concebidos como uma alternativa de exposição de trabalhos durante o período de distanciamento social causado pela pandemia, financiados a partir de editais de fomento cultural, como a Lei Aldir Blanc.

A “Peça Radiofônica Santo de Casa Faz Milagre?” foi realizada em 2022 na cidade de Montes Claros, em Minas Gerais, contando com a participação da Oitava Cia de Teatro. Foi uma proposta realizada a partir do trabalho de estudantes da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Trazendo uma dramaturgia inédita e colaborativa, apresenta um protesto e a criação de um plano dos Santos e Santas que moram na Igreja dos Morrinhos para a arrecadação de fundos para uma reforma na estrutura centenária do local.

No projeto há a utilização de elementos musicais em diversos momentos. Como exemplo, é possível escutar na abertura a utilização de uma canção original do grupo misturada a sinfonias famosas. As vozes dos atores são emitidas em nuances bem destacadas e escrachadas, trazendo um tom informal para o áudio, associado diretamente com a proposta da comicidade. Em determinado momento do primeiro episódio, aproximadamente em 2 minutos, uma mensagem define como a companhia teatral realizou esse trabalho e entendeu seu conteúdo:

Em tempos de pandemia a criatividade não chia, neste programa de rádio o teatro faz o som virar imagem, parte do corpo já não pode estar nos palcos da vida, descolamos a palavra do papel e fizemos voz gravada virar espetáculo, palavras faladas e barulho do silência, músicas instrumentais e canções sensacionais vão fazer de você um ouvinte livre, um criador, cada um imagina o seu próprio cenário, personagens, figurinos e objetos de cena. Vamos ouvir imagens (...).

O trabalho foi dividido em seis episódios lançados semanalmente a partir de Março de 2022, na Web Rádio NaMorada dos Montes, e atualmente se encontram disponíveis em plataformas de streaming. Foi dirigido pela professora Mírian Walderez, na disciplina de Laboratório Teatral da UNIMONTES, em uma criação coletiva a partir de improvisos com estímulos variados no decorrer de aulas. A partir da adaptação para o modelo em áudio foi possível a criação de um projeto que acabou sendo contemplado com recursos da Lei Cultural Aldir Blanc, destinada ao apoio aos artistas no período pandêmico. Tais recursos foram utilizados para os custos de gravação e produção do projeto, montado a partir de ensaios na plataforma de reuniões digitais Google Meet e com gravações remotas e presenciais, seguindo os protocolos de segurança necessários naquele momento.

A diretora do projeto explicou em matéria de divulgação no site da instituição universitária que: “Utilizamos diversos materiais motivadores como textos, canções, objetos, fotografias, pesquisa bibliográfica, entrevista e experiências em locais, que culminou com a criação dramatúrgica” (WALDEREZ *apud* JILVAN, 2022).

Uma segunda proposta de trabalho está no podcast “Teatro Para Ouvir”, produzido em Salvador, no estado da Bahia, no ano de 2022. O projeto contava com o apoio do Prêmio Riachão, ligado à Fundação Gregório de Mattos com financiamento a partir de edital da Lei Aldir Blanc, promovido pela Prefeitura Municipal de Salvador. O trabalho pretendia difundir a dramaturgia negra do município, não se tratando da utilização de áudios gravados em espetáculos e sim produzindo, tendo por base textos de teatro, gravações pensadas exclusivamente para o formato de áudio.

Em “Teatro Para Ouvir” o ouvinte é convidado também para imaginar todos os elementos cênicos a partir de estímulos sonoros trabalhados especificamente para essa finalidade. O projeto durou cinco episódios lançados entre os meses de Março e Abril de 2022. Cada episódio apresenta uma descrição no início, contextualizando suas origens e cada obra teatral que ajudou na criação dos áudios. Mônica Santana e Leno Sacramento assinam as dramaturgias do projeto, idealizado pelo ator, diretor e pesquisador Gustavo Melo. Melo declarou para o portal Leia Mais BA, em Março de 2022:

É uma experimentação para ampliar os sentidos de como a presença negra e sua representação artística são absorvidas, para além do visual. Estamos investindo na percepção auditiva, que exige da imaginação do ouvinte a complementação dos diálogos e histórias que contamos nesta série.

Para o portal Aldeia Nagô, na mesma época, Melo complementa sua afirmação anterior:

(...) a ideia é privilegiar a possibilidade de um encontro íntimo e direto entre ator/atriz e ouvinte, que é convidado/a a imaginar figurino, espaço, odores, deslocamentos, cores, objetos de cena e temperatura, dentre outros elementos a partir de estímulos sonoros especialmente trabalhados para esse fim.

Dos episódios criados por Santana, gostaria de destacar o primeiro, intitulado “Sobretudo Amor”, trazendo uma temática envolvendo aspectos afetivos, de memória e subjetividades, construído a partir de entrevistas com mulheres negras sobre amor, espiritualidade, solidão, ancestralidade e a vida cotidiana e íntima dos indivíduos. O texto original é de 2016, não sendo uma criação exclusiva para o áudio. Em minhas audições pude perceber que o episódio reproduz uma espécie de conversa, apesar de possuir a atuação de apenas uma atriz. Essa personagem, interpretada pela autora, conversa com alguém indefinido, fazendo com que o público ouvinte se sinta envolvido com a narração.

A história começa em um agradecimento por deixarmos ela entrar em nossa casa, comentando sobre memórias afetivas com chás e conversas íntimas em círculos de confiança. Ela sugere que nos coloquemos neste lugar de tentar entender a sua perspectiva, de mulher negra, e assim faz com que possamos refletir sobre a solidão feminina (em meio ao ato simples de tomar chá e comer um bolo). Ela comenta sobre os sonhos, os desejos mais antigos de suas ancestrais, considerando que ela também estaria grávida e que passaria esses sonhos para outras gerações. Algumas passagens são bem metafóricas, mas claras em suas mensagens, alertando para sua realidade. Há a criação de uma ambientação bem clara, o barulho de xícaras, por exemplo, que permitem que se possa visualizar a cena e se imaginar no meio da conversa.

É importante entender também, em um caráter pessoal, que o episódio não reverbera necessariamente somente com mulheres negras, eu, em vários momentos, me vi no que ela descrevia, mostrando que, apesar de talvez não ter sido essa a intenção da autora, ela foi capaz de criar um trabalho que pode atingir vários públicos. Como o texto sugere em aproximadamente 17min.: “Talvez nós façamos parte do mesmo coro”.

Em terceiro lugar, trago a proposta “Mundo Clandestino”, trabalho oriundo da Cia. Khaos Cênica, companhia de teatro do município de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O trabalho em áudio tem por base um espetáculo do grupo, “Sr. Clandestino”, e teve duas temporadas entre os anos de 2021 e 2023. Se caracteriza como um áudio drama steampunk[[2]](#footnote-1). Possui diálogos com aspectos da mitologia, com o mundo da tecnologia e jogos digitais, e suscita discussões filosóficas. O universo ficcional também foi proporcionado a partir da aprovação em um edital emergencial da pandemia.

A primeira temporada do projeto se chama “Sr. Clandestino em Busca dos Domínios Tentaculares” e se divide em cinco episódios de duração entre 10 e 17 minutos cada. Como exemplo, o primeiro episódio traz uma trilha sonora instrumental que dá tom a história, recordando um pouco filmes de faroeste (no caso um mundo distópico e desértico). Nesse primeiro momento há um interrogatório no qual entendemos que nosso protagonista é um herói que luta contra um grande poder. Ao longo dos episódios entendemos que também há a reflexão sobre questões filosóficas como inteligência, liberdade, distopias. Descobrimos que o personagem procura desvendar um livro misterioso chamado Necronomicon.

Logo nas primeiras escutas, fica clara uma conexão desse projeto com o podcast norte americano chamado “We're Alive”, comentado por Rachel Rochester em artigo de 2014 sobre o ressurgimento de áudio dramas no antropoceno. Nesse texto, Rochester comenta sobre o conceito de “worldbuilding”, ou construção de mundos, em tradução livre. Tal conceito seria um termo trazido da ficção científica para descrever formas nas quais os autores intencionalmente desvendam detalhes do mundo fictício, criando um processo de construção, ou imaginação, ativa dos ambientes vividos pelos personagens.

Quando pensamos sobre a criação de mundos, no caso de Sr. Clandestino, há a existência de um mundo no qual um governo que precisa entender os significados desse livro misterioso, ao mesmo tempo que o personagem Sr. Clandestino também pretende entender os significados desse livro, mas por motivos distintos. No texto há também muitas palavras ligadas ao latim, por exemplo, também colaborando na criação de uma conexão muito forte com os filmes de estética steampunk, em mundos quase apoteóticos. Ao se desenrolar o interrogatório do primeiro episódio, Sr. Clandestino começa a contar sua história, e sua saga até aquele ponto, é nesse momento que o episódio termina com um novo instrumental.

O projeto Mundo Clandestino também foi lançado de forma simultânea com uma websérie intitulada “Vapor Barato” e com um e-book “Diário de Bordo” que trazia um relato das anotações e referências utilizadas na composição do espetáculo teatral, além da exibição de lives sobre o processo de construção das ações do universo criado pela companhia. Fica clara aqui também as várias vertentes para as quais o grupo procurou se envolver, ajudando a compor ainda mais as ações de criação de mundo em várias mídias. De acordo com matéria veiculada no portal da revista Onne & Only, na época do lançamento:

O trabalho foi realizado a partir de uma intensa pesquisa da Companhia KHAOS Cênica, que cunhou seu discurso ponderando sobre as mais recentes convulsões sociais mediadas pela perspectiva dos cânones do existencialismo em suas diferentes correntes. Esta proposição visa criar um exercício cênico de empatia recíproca entre personagem e público, fator este determinante para o final do espetáculo, visto que as diferentes reações coletivas da plateia são observadas e definem o desfecho da peça. (...)

Assim como a perspectiva do filósofo Jacques Rancière, o espetáculo Sr. Clandestino busca ser um guardião da arte como elemento da "partilha do sensível", pois é por meio do encontro discordante das idiossincrasias individuais que a formação da comunidade política se estabelece. Este espetáculo ousa ser este espaço de encontro e de partilha, em que a formação democrática ocorre, de forma estética, provocada pela cena.

**Considerações Finais**

Tendo por base este breve panorama acerca de trabalhos em torno do áudio drama, sejam pesquisas ou casos de projetos divulgados recentemente, podemos inferir que tal temática, em suas potencialidades socioculturais e sônicas e em sua complexidade comunicacional, é um terreno passível de diversos tipos de estudos. É interessante que se pense também para além de grandes plataformas, considerando trabalhos que também estimulem a ação coletiva, o estímulo e a difusão cultural em suas organizações.

Além disso, os casos analisados se tratam de projetos relevantes no contexto atual brasileiro, após mais de dois anos de pandemia da COVID-19, lidando, pela dimensão sonoro-dramatúrgica, com questões do feminino, da religião, da filosofia, problematizando e recriando realidades, construindo mundos e disseminando uma mídia com origens clássicas da tradição do rádio teatro. O fato de que os três projetos citados foram financiados e produzidos a partir de recursos de leis de fomento à cultura no momento de crise sanitária e distanciamento social demonstra a força que esses grupos têm em manter seus lugares ativos na arte, se adaptando a outras realidades.

**Referências**

**Conheça podcasts sobre dramaturgia negra contemporânea: Teatro para Ouvir e Afetos no Digital**. Portal Leia Mais BA, 2022. Disponível em: <https://leiamaisba.com.br/2022/03/30/conheca-podcasts-sobre-dramaturgia-negra-contemporanea> Acesso em: Junho de 2023.

DANN, Lance. **Only Half The Story: Radio drama, online audio and transmedia storytelling**. Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media, v. 12, n. 1-2, p. 141-154, 2014.

DREVER, John. **Soundscape composition: the convergence of ethnography and acousmatic music***.* Organised Sound, Cambridge University Press. Printed in the United Kingdom, 2002.

JILVAN, Christiano Lopes. **Com egressos da UNIMONTES , Oitava Cia de Teatro lança a peça radiofônica “Santo de Casa Faz Milagre?”**. Site da Universidade Estadual de Montes Claros. Disponível em: <https://unimontes.br/com-egressos-da-unimontes-oitava-cia-de-teatro-lanca-a-peca-radiofonica-santo-em-casa-faz-milagre/> Acesso em: Maio de 2023.

JONKHEID, Eline Van der. **When Accessibility becomes storytelling: from audio description to audio drama***.* Master’s Thesis Translation, Faculty of Artes, Department of Applied Linguistics/Translation and Interpretation, University of Antwerp, 2016.

KELMAN, Ari. **Rethinking the Soundscape - A critical genealogy of a key term in sound studies.** Senses & Society, v. 5, 2010.

**Lançamentos marcam o resultado de intensa pesquisa da Companhia KHAOS Cênica sobre contemporaneidade**. Portal Revista Onne & Only, 2021. Disponível em: <https://onnerevista.com.br/news_post/2043/lancamentos-marcam-o-resultado-de-intensa-pesquisa-da-companhia-khaos-cenica-sobre-contemporaneidade/> Acesso em: Junho de 2023.

**Podcasts baianos apresentam dramaturgia negra contemporânea**. Portal Aldeia Nagô, 2022. Disponível em: <https://www.aldeianago.com.br/noticias2/30563-podcasts-baianos-apresentam-dramaturgia-negra-contemporanea> Acesso em: Junho de 2023.

ROCHESTER, Rachel. **We’re Alive: The Resurrection of the Audio Drama in the Anthropocene**. Philological Quarterly, v. 93, n. 3, p. 361-381, 2014.

SAMUELS, David *et al.* **Soundscapes: Toward a Sounded Anthropology***.* Annual Review of Anthropology, v. 39, n. 1, p. 329-345, 2010.

SEEGER, Anthony. **Etnografia da Música**. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.

SPRITZER, Mirna. **O corpo tornado voz: A experiência pedagógica da peça radiofônica***.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2005

1. Mestrando em Música - Etnomusicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduado em Teatro-Licenciatura e Especialista em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Especialista em História da Arte pelo Centro Universitário Claretiano. [↑](#footnote-ref-0)
2. Vertente dentro da ficção científica que ganhou relevância na década de 80 e 90. Questiona a relação do homem e suas criações, relações de dominância, principalmente ligadas às questões tecnológicas. É atualmente um dos subgêneros mais utilizados na ficção científica, entretanto escritores clássicos como Júlio Verne, Mark Twain e Mary Shelley já utilizavam desse recurso em suas obras. [↑](#footnote-ref-1)